

Teoria, Prática e Metodologias das Ciências Humanas

**Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
(Organizadores)**



Teoria, Prática e Metodologias das Ciências Humanas

**Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
(Organizadores)**



Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T314	Teoria, prática e metodologias das ciências humanas [recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF. Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-808-3 DOI 10.22533/at.ed.983192811 1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. 2. Metodologia. 3. Pesquisa. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura. CDD 001.42
Elaborado por Maurício Amormino Júnior CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Esta obra, intitulada “Teoria, Prática e Metodologias das Ciências Humanas” versa sobre relatos e experiências de professores e investigadores da área das Ciências Humanas ou afins, sobre práticas pedagógicas desenvolvidas em seus contextos. Cada vez mais, o discurso entre teoria, prática e metodologias ganha força no cenário educacional, percebe-se de forma especial, que essa discussão prima pela melhoria da incubação, implementação e avaliação do uso de diferentes estratégias de ensino como aporte metodológico para o processo de ensinagem e aprendizagem.

É nítido, que cada vez mais a investigação científica vem tendo papel de destaque nas transformações sociais. Isso implica, um olhar especial para os trabalhos [investigações] desenvolvid@s dentro e fora das instituições de ensino, principalmente, àqueles que formalizam e sistematizam o conhecimento e a intersecção entre a dimensão teórica e prática.

Diante o exposto, apresentamos a obra, que traz em seu bojo 13 textos diversos, frutos de práticas diferenciadas, desenvolvidas também, em contextos diferenciados, por investigadores ávidos pelo desenvolvimento das Ciências Humanas. Uma obra, que nos chama a atenção, por ter dado voz a sujeitos muitas das vezes anônimos, que trazem para o cenário científico suas experiências, abrindo um leque de possibilidades de discussões e reflexões, de temas que transitam nos liames da teoria, da prática e das metodologias, tais como: Práticas Pedagógicas; Formação Continuada; Políticas Educacionais; Uso das Tecnologias; Epistemologia Evolucionária; A música como prática pedagógica; Ciências Cognitivas; Identidade; Moda, tendências manifestos, entre outros.

Esperamos que esta obra possa colaborar com seus anseios pessoais, profissionais ou de investigação, aguçando discussões e reflexões que possam propagar o pensamento epistemológico da Ciências Humanas nas dimensões do Ensino, da Pesquisa e da Extensão.

Boa Leitura!

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO CONTINUADA: ENTRE A LEI E A PRÁTICA DOCENTE	
Wilcker Pereira Silva D`Orazio	
Letícia Soares Veado	
Elisabete Alerico Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.9831928111	
CAPÍTULO 2	9
USO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO	
Sirlei Alferes da Silva	
Tony Alexandre Medeiros da Silva	
Kézia Adelita Campos Medeiros da Silva	
Maria Rosa Alferes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9831928112	
CAPÍTULO 3	19
ARRANJO E REGÊNCIA CORAL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA EM AULAS DE MÚSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	
Renan Luís Balzan	
DOI 10.22533/at.ed.9831928113	
CAPÍTULO 4	28
ACIDENTES DE TRÂNSITO EM IDOSAS BRASILEIRAS: VARIAÇÕES REGIONAIS, ETÁRIAS E INFLUÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS	
Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes	
Rislayne Gomes Ferreira	
Ana Patrícia da Silva Alves	
Rosana Alves de Melo	
Maria Elda Alves de Lacerda Campos	
DOI 10.22533/at.ed.9831928114	
CAPÍTULO 5	38
A VINCULAÇÃO ENTRE <i>EPISTEMOLOGIA EVOLUCIONÁRIA</i> E LINGUAGEM SEGUNDO KARL RAIMUND POPPER	
Antônio Carlos Persegueiro	
DOI 10.22533/at.ed.9831928115	
CAPÍTULO 6	54
ANA CRISTINA CESAR: HABILITAÇÃO PARA O TERRITÓRIO DA IRONIA	
André Luís de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.9831928116	
CAPÍTULO 7	62
DAS CIÊNCIAS DA COGNIÇÃO À CIÊNCIA COGNITIVA - NOVA ÁREA EPISTEMOLÓGICA	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9831928117	

CAPÍTULO 8	88
O MANIFESTO DA MODA NA ARQUITETURA	
Paula Giacomoni Bragagnolo	
Julia Isoppo Picoli	
DOI 10.22533/at.ed.9831928118	
CAPÍTULO 9	95
MEMÓRIA E IDENTIDADE NO QUILOMBO SACO DAS ALMAS: LUTA, RESISTÊNCIA E DIREITOS QUILOMBOLAS	
Daciléia Lima Ferreira	
Conceição de Maria Belfort de Carvalho	
Josenildo Campos Brussio	
Vanessa Cristina Ramos Fonsêca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9831928119	
CAPÍTULO 10	114
SOBRE O PADRÃO DE GOSTO EM DAVID HUME	
Valéria Andressa Teixeira	
Ernesto Maria Giusti	
DOI 10.22533/at.ed.98319281110	
CAPÍTULO 11	118
SIX WEEKS TO MARS: DESENVOLVIMENTO DE UM COMPANHEIRO ROBÓTICO AFETIVO DE BRINQUEDO	
Marcello Caldas Bressan	
Helda Oliveira Barros	
José Carlos Porto Arcoverde Junior	
Luiz Francisco Alves de Araújo	
Walter Franklin Marques Correia	
DOI 10.22533/at.ed.98319281111	
CAPÍTULO 12	134
VARIABILIDADE CLIMÁTICA DE GUANHÃES-MG ENTRE 2008 E 2017: AVALIAÇÃO DOS EVENTOS EXTREMOS	
Matheus Marques da Silva	
Humberto Catuzzo	
DOI 10.22533/at.ed.98319281112	
CAPÍTULO 13	148
REFÚGIO, NARRATIVAS E HISTÓRIAS: MIGRAÇÕES E EXPERIÊNCIAS NA AMAZÔNIA	
Josué Carlos Souza dos Santos	
Gilvete de Lima Gabriel	
DOI 10.22533/at.ed.98319281113	
SOBRE OS ORGANIZADORES	161
ÍNDICE REMISSIVO	162

REFÚGIO, NARRATIVAS E HISTÓRIAS: MIGRAÇÕES E EXPERIÊNCIAS NA AMAZÔNIA

Josué Carlos Souza dos Santos

Universidade Estadual de Roraima

Boa Vista – Roraima

Gilvete de Lima Gabriel

Universidade Federal de Roraima

Boa Vista – Roraima

RESUMO: O projeto Refúgio, Narrativas e Histórias: Migrações e Experiências na Amazônia, sob a orientação do Prof. Dra. Gilvete de Lima Gabriel têm como foco compreender como venezuelanos inseridos em um contexto de deslocamento migratório na região da Amazônia, especificamente em Roraima, identificam a si e também como lidam com esse movimento de refúgio e acolhimento através de suas próprias narrativas, considerando o processo migratório que tiveram que passar desde sua nação até o cruzamento de uma fronteira internacional. Vale ressaltar que esse projeto surgiu a partir de análises e experiências obtidas junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas Autobiográficas, Interdisciplinares e Interculturais de Roraima – GEPAIRR.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Migrações. Relato de Experiência. Narrativas.

Meu objetivo nesse texto é apresentar

um relato de experiência bem sucedida com refugiados venezuelanos no Estado de Roraima, na Amazônia, com os conselhos e orientações da Professora Doutora Gilvete de Lima Gabriel, que lidera o Grupo de Estudos e Pesquisas Autobiográficas, Interdisciplinares e Interculturais de Roraima – GEPAIRR e desenvolve dois projetos com uma comunidade indígena em Roraima: *Narrativas Infantis. O que contam as Crianças Indígenas sobre a Escola da Infância e Narrativas de Formação Continuada. O Reconhecimento das Práticas Educativas de Professores Indígenas da Comunidade Boca da Mata - Roraima*. As atividades desenvolvidas nessa ação com os refugiados venezuelanos tiveram como referência esses projetos no âmbito do GEPAIRR, onde contribuí utilizando as narrativas dos refugiados adultos e as rodas de conversa voltadas para as crianças através da mediação de um boneco.

Outra metodologia que me serviu de referência foi utilizar uma colcha feita com pedaços detectados como estratégia pedagógica a qual foi apresentada no desenvolvimento da disciplina *Pedagogia e Literatura Infantil* sob a coordenação da professora doutora Leuda Evangelista de Oliveira do curso de pedagogia

da Universidade Federal de Roraima.

No ano de 2018 se intensificou o número de pessoas que cruzaram a fronteira venezuelana com o Brasil, em Roraima, envolvendo venezuelanos em um cenário de deslocamento migratório forçado. No sentido de fornecer uma resposta humanitária, o governo brasileiro se juntou a algumas organizações internacionais, inclusive agências da Organização das Nações Unidas, oferecendo mecanismos legais de proteção e assistência, tal como documentação, abrigos, comida e outras. As opiniões aqui expressas são do autor e não refletem necessariamente as opiniões das Nações Unidas.

Parto da escuta sensível apresentada por Barbier (2002) que se apóia na empatia, no reconhecimento da aceitação incondicional de outrem e na congruência do pesquisador ouvinte enquanto ser presente e consciente (p. 01) das narrativas dos venezuelanos no sentido de entender como eles identificam o processo de refúgio que tiveram que passar desde sua nação até o cruzamento de uma fronteira internacional. É importante mencionar que aqui adoto o termo refugiado envolvendo também migrantes e imigrantes em um mesmo movimento, como aqueles que participam desse cenário de deslocamento migratório forçado e destacando que o migrante recebe um caráter voluntário, enquanto que os refugiados têm mecanismos internacionais de proteção que os respaldem, dado o contexto forçado desse percurso. Pareceu-me pertinente perguntar: As narrativas de Venezuelanos em um contexto de deslocamento migratório forçado podem me ajudar a entender esse movimento? Como se identificam os venezuelanos envolvidos nesse contexto?

1 | MINHA INSERÇÃO NOS ABRIGOS PARA REFUGIADOS VENEZUELANOS EM RORAIMA

O campo aqui está delimitado como abrigos localizados na capital de Roraima, Boa Vista, sendo dois na zona oeste, Jardim Floresta e Nova Canaã, e um na zona sul, São Vicente. Os três abrigos contam com aproximadamente 1.200 pessoas, entre homens, mulheres, crianças e pessoas com necessidades especiais (grávidas, idosos, casos especiais de saúde e outros).

O projeto teve algumas fases em seu desenvolvimento: rodas de conversa, produção de cartas ou desenhos, interpretação dessas produções e produção da colcha de acolhimento. Durante dois dias na semana foram feitas rodas de conversa com adultos e crianças dentro dos abrigos, com foco na escuta sensível conforme referi anteriormente, interação e compartilhamento de histórias, memórias e experiências e vivências no percurso da Venezuela até o Brasil.

Com os adultos, foram divididos dois grupos: homens e mulheres. Cada roda

de conversa teve o tempo médio de 01h de duração, sendo 30 minutos dedicados à escuta e compartilhamento das trajetórias e outros 30 minutos para a produção de uma carta em formato narrativo compartilhando a experiência. Decidi iniciar me apresentando, contando minha trajetória de vida que me levou a ser um trabalhador humanitário. Dentre minhas falas, destaquei que estava ali porque para mim suas vozes são importantes de modo a parar tudo e ouvir com atenção. Toda minha formação acadêmica e profissional havia me levado ali para estar com eles, e era exatamente o local onde eu gostaria de estar. Isso foi importante porque segundo Murthy (2017, p. 29) conexões sociais fortes são caracterizadas por experiências compartilhadas significativas e relacionamentos mutuamente benéficos. Percebi que quando dei a palavra a eles, no sentido do fazer falar e ser ouvido, as histórias começaram a ser compartilhadas automaticamente sem dificuldade, em um exercício pedagógico de escutar, compreender e sensibilizar. Ao final desse compartilhamento, pedi que escrevessem uma carta contando sua experiência e me entregasse, em formato anônimo.

Nas rodas de conversa com crianças entre 08 e 13 anos de idade, foi apresentado um boneco previamente confeccionado por costureiras Venezuelanas que vivem no abrigo. Esse boneco teve uma história: Um E.T que mora em outro planeta, está chegando na terra e gostaria de conhecer Roraima/Brasil, mas acaba chegando na Venezuela. A intenção foi que elas começassem a falar sobre suas experiências no caminho da Venezuela até Roraima ao mesmo tempo em que ensinam o E.T a chegar aqui. Ao final, os relatos foram coletados em forma de desenhos, colocando na imagem um significado. Essa roda de conversa teve o tempo médio de 01h de duração, sendo 30 minutos dedicados à metodologia do boneco do E.T e compartilhamento de histórias e outros 30 minutos para a produção dos desenhos que privilegiaram esse percurso e trajetória.

Para mim, o desenrolar desse projeto com as crianças lembrou a elas e a mim da vivência escolar e conseqüentemente seu processo educacional interrompido, pois estavam juntas em uma faixa etária parecida, com material escolar (folhas, lápis de cor) e um tutor as orientando naquela atividade lúdica e ao mesmo tempo pedagógica. Chego perto do conceito apresentado por Oliveira (2011, p. 46) de escola como um espaço-tempo onde adultos, crianças e jovens compartilham saberes, narram e vivem experiências, tecem redes de significados que explicitam visões de mundo e dão forma a desejos e sonhos.

2 | PERCURSO, MOVIMENTO E IDENTIDADE

Na tentativa de buscar uma identificação de si dentro desse contexto complexo com várias culturas interagindo simultaneamente, me aproximo de Giddens (2002,

p. 139), quando este diz que “o eu estabelece uma trajetória que só pode se tornar coerente pelo uso reflexivo do ambiente mais amplo”. Nessa perspectiva e com base nas narrativas de refugiados venezuelanos, trago um elemento fundamental para a constituição de si e que ajuda a nortear o modo com os venezuelanos inseridos nesse contexto se vêem e que conseqüentemente estão ligados ao seu processo de migração: a cultura.

Em uma primeira análise a respeito de como se vêem os adultos venezuelanos, destaco as frases *sou venezuelana, sou trabalhador, sou mãe*, assim como as várias encontradas com a definição *sou refugiado aqui no Brasil*. O processo de narrar a si mesmo é encontrado em Silva (1996) quando este diz que o *poder de narrar está estreitamente ligado à produção de identidades sociais*. Penso que para chegarem a uma definição de si, trazem consigo todos os símbolos e experiências que compõem a sua vida. Ao trazer os antecedentes históricos do conceito de cultura, Laraia (2001) tomando em Edward Tylor uma síntese vocabulária, diz que ela “é todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (p. 25). Assim, o processo de desenvolvimento cultural é um movimento freqüente ao ser humano.



Refugiados são indivíduos que sofreram privações em sua vida. Segundo Jubilut (2007, p. 23) são seres humanos que precisam buscar proteção em outro território que não o de sua origem ou residência habitual, em função de perseguições que sofrem de origem política, religiosa, étnica, entre outras. Trago a esse conceito também àqueles que são forçados a fazer uma migração graças a algum desastre natural, guerras e outras calamidades, cruzando ou não uma fronteira internacional. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados - ACNUR, pode

ser considerado um refugiado aquele que está fora do seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política, além daqueles que foram forçados a deixar seu país devido conflitos armados, violência generalizada e graves violações dos direitos humanos (p. 01).

As muitas referências ao Brasil, como nação acolhedora, me faz encontrar em Hannerz (1997) que esse processo de aquisição cultural está constantemente em curso. Considero aqui um pequeno trecho de uma das cartas escritas por venezuelanos e traduzida por mim:

(...) e decidimos vir ao Brasil... Graças ao meu Deus e as pessoas daqui do Brasil que me ajudaram muito.

Em alguns momentos percebo que a nação Brasileira embora vista como acolhedora, possui em sua cultura elementos que representam um desafio de aprendizado e adaptação, como idioma, acesso ao mercado de trabalho, entre outros. Essas e outras descobertas que encontrei em minha percepção ao analisar as narrativas e também a experiência das rodas de conversa é referenciado por Oliveira (2011 apud LAROSSA, 2006) trazendo o *encontrar* como condição de topiar com aquilo que não se busca, embora relevante a essas análises.

O fato de essas populações venezuelanas morarem em abrigos no Brasil, não as impede de vivenciar sua cultura da Venezuela, ao mesmo tempo em que convivem com outra, a do Brasil. Para eles, então, vivenciar a cultura se torna um processo interno e externo, como define Heinke (2019, apud GONZÁLEZ, 2011):

Cultura é, em essência, o modo pelo qual um grupo humano qualquer se relaciona entre si e com o ambiente circundante. Por isso, ela tem o que bem poderíamos chamar de um elemento externo e outro interno. (P. 27)

Em outras palavras, os elementos internos e externos que os fazem vivenciar a cultura estão a todo o momento dialogando entre si. Outros termos acabam por se relacionar com a cultura, em busca de uma compreensão da definição de si, relacionada aos venezuelanos inseridos nesse contexto: cidadania e grupos-referência.

Quando Marshall (1967) se propõe a fazer uma análise a respeito da cidadania, ele define que ela acontece e se institui graças aos elementos civis, políticos e sociais que compõe uma comunidade. Porém, em casos de situação de risco, como pobreza extrema, ausência familiar, migração forçada, fome entre outros, essa população pode ter os mais variados contextos que colocam a cidadania como um interessante fator a ser observado, no sentido de identificação do indivíduo social. As cartas em sua maioria que trouxeram em suas primeiras linhas a frase *sou venezuelano* ou *saí de meu país*, traz essa representatividade do pertencer a uma nação, mesmo estando em outra.

Tanto no desenvolvimento da cultura quanto à percepção de o que representa a cidadania, trago junto aos deslocamentos migratórios forçados a definição de ritos de passagem apresentados por Turner (2004, apud GENNEP, 1960) definindo-os como “ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social de idade”. Através desse processo, as pessoas nessa condição de vulnerabilidade social passam a ter a percepção, modificação e definição do mundo a sua volta, pois passaram por uma mudança de lugar através de um fluxo migratório transcultural complexo.

Gostaria de destacar dois grupos que estão presentes nas escritas narrativas dos refugiados e que encontram em Gabriel (2011, p. 93) a sua importância, enquanto Grupos-Referência importantes nas análises a respeito da constituição de si. Trago abaixo o trecho de uma das cartas traduzido por mim:

Saí de meu país e vim deixando para trás minha família e meus estudos

Também me dá tristeza porque deixei meus estudos e apesar disso estou aqui me preparando para uma vida melhor para ajudar minha família e os novos imigrantes.

Sobre o grupo familiar, a pesquisadora destaca a importância desse elemento na constituição de si quando define que sua composição é formada “por pessoas com laços de parentesco entre si, seja por relação consangüínea, seja por adoção” (p. 95). Entre as escritas, as cartas revelam a dor em relação ao rompimento da ligação com o seio familiar e as conseqüências que essa ruptura trás, sejam positivas, demonstradas através das falas em relação à motivação de buscar um emprego e enviar ajuda financeira aos seus parentes, ou negativos, como a solidão, saudade e a distância.



Outro elemento também esteve presente em todas elas: a menção a Deus

como forma de agradecimento. A menção ao sagrado e as expressões de fé como forma de atos religiosos são importantes representações que fazem parte de sua vida e migração. Nos estudos sobre o sagrado, Reinke (2019 apud OTTO, 2007) diz que o sentimento ao sagrado é definido como um mistério tremendo e fascinante dentro de uma categoria irracional, não no sentido desprovido de inteligência ou estúpido, mas que está além da mente humana, exercendo um fascínio atrativo e arrebatador (p. 23). Para Gabriel (2011), no Grupo religioso “há a aquisição de “valores eternos” e de princípios que norteiam a vida secular” (p. 103). Ao aceitar essa definição, interpreto essa relação com o sagrado como uma forma de encontrar forças, esperança e reconstrução de suas vidas em um movimento de vulnerabilidade, mas também resiliência.

Permito-me agora fazer um percurso de rememoração da experiência, encontrando em Oliveira (2011, apud KONDER, 1999) esse exercício definido como resgatando o que aconteceu, estabelecendo com o passado “uma relação libertadora que resgata não só o que foi dito e feito, mas o que foi sonhado, o que foi desejado e ficou reprimido” (p. 43). Observando o envolvimento da população venezuelana no projeto além da inserção de muitos detalhes em suas cartas narrativas, percebo o quanto foi importante fornecer esse ambiente onde suas vozes são escutadas e compreendidas, em um exercício de empatia em relação ao outro.

Em cada momento, o desejo de contar suas histórias através da narrativa autobiográfica ficava mais evidente. Em várias cartas é possível ler *conto minha história* como elemento importante de pertença e identidade. No sentido de tentar encontrar algum conceito de identidade que mais se encaixe nessa realidade, busco em Gabriel (2011, p.63 apud BAUMAN, 2005, p. 15) uma definição que me interessa:

[...] a ‘identidade’ só nós é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda precisa construir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la [...] (id., IBID., 2005, p. 21-22).

Para chegar a essa definição, a autora apresenta a história de Bauman, apresentada em seu livro *Identidade*, sobre quando foi homenageado doutor *honoris causa*. A autora narra que, enquanto condição de estrangeiro na Grã-Bretanha como país acolhedor e de refugiado da Polônia, país onde nasceu, Bauman foi convidado nessa ocasião a escolher o hino nacional de um desses países, concluindo que “não foi fácil encontrar a resposta” (BAUMAN, 2005, p. 15). Nessa situação complexa, marcada por uma questão transcultural, de mobilidade e refúgio, é que a identidade foi autor foi sendo construída, algo como os venezuelanos participantes dessa pesquisa.

Com as crianças, a estratégia utilizada após as rodas de conversa foram os

desenhos, pois muitas delas não eram completamente alfabetizadas devido seu processo educacional interrompido graças ao movimento migratório de deslocamento forçado. A estratégia de utilizar desenhos e escavar neles significados para as imagens narrativas, enquanto instrumentos de pesquisa e elementos provocadores dessas é fundamentado por Oliveira (2011, p. 115) quando diz que

Conjugado às narrativas, os desenhos possibilitam compreender a percepção que as crianças têm do mundo que as rodeia, ou seja, os significados que vão atribuindo aos objetos da cultura.

Utilizando as duas bonecas confeccionadas por venezuelanas nos abrigos e com a história de que eram de outro planeta e que chegaram na terra pela Venezuela mas gostariam de vir ao Brasil, as crianças utilizaram o desenho para as ensinar a chegar aqui, resgatando de sua experiência pessoal. Utilizando nomes fictícios, me permito olhar para alguns desenhos como o de João (Figura 1). Nele é possível observar os elementos que para ele são importantes a serem considerados nesse percurso migratório, como estradas sobre montanhas, rios, árvores, uma pessoa caminhando e também as bandeiras das nações envolvidas nessa trajetória.



Figura 1 – Desenho do João

Alexandroff (2010, p. 30) em um momento comparativo entre os autores Piaget e Vygotsky a respeito dos diferentes aspectos do desenho, reflete que os autores caminham a pensamentos semelhantes “em relação à importância do desenho no desenvolvimento da criança e à característica de que a criança desenha o que lhe interessa e o que sabe a respeito de um objeto”. É possível perceber que João trouxe para a imagem o que para ele foi significativo nesse momento transitório.

Nos desenhos de Maria (Figura 2) e José (Figura 3), palavras espontaneamente acompanharam as imagens, dando significado escrito aos objetos apresentados por eles. Os diferentes momentos dessa trajetória são apresentados como etapas, fazendo uma referência a um espaço-tempo deixado para trás, outro em movimento e outro de chegada.

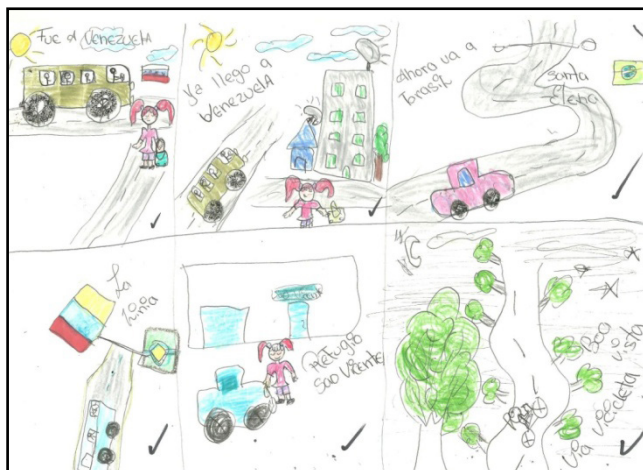


Figura 2: Desenho da Maria



Figura 3: Desenho de José

Os desenhos aqui são representados como outra forma narrativa “na qual experiência e imaginação criadora estão interligadas” (Oliveira, 2011, p. 124). Considerar as crianças nesse projeto levando em consideração suas falas inseridas nas imagens narrativas é identificar que esses indivíduos possuem uma percepção de mundo também orientada pela sua vivência e experiência, sendo relevante sua contribuição. A respeito da formação do ponto de vista infantil enquanto indivíduo produtor de sentimentos, emoções e vivências, Brandão et al (2006, p. 12) dizem que

Ouvindo histórias sobre diferentes pessoas, com distintas perspectivas sobre o mundo, emoções e intenções, em diferentes lugares e épocas, a criança vai tomando consciência sobre seu próprio ponto de vista e existência situada em um contexto específico. (p 12)

Nos dias seguintes, depois de feita a triagem e seleção de alguns desenhos, os adultos foram convidados para a atividade de passar os desenhos das crianças para o tecido. Eles desenharam com tinta de tecido em um pano de algodão tanto os desenhos das crianças quanto frases que selecionaram das cartas dos adultos que achavam mais significativas para passar para os retalhos de tecido, última fase do projeto. Isso foi importante porque mais uma vez sua opinião foi considerada, no sentido de empoderamento e importância objetiva, resultando em um projeto feito *com, para e sobre* eles, ou seja, um processo colaborativo de construção de saberes (OLIVEIRA, 2018, p. 8).



Em outro dia, Após os pedaços estarem pintados por eles e a tinta seca, se iniciou a fase de costurar todos os pedaços, contando com costureiras (os) do abrigo, criando a colcha de acolhimento, em referência à Operação Acolhida, resposta humanitária do governo Brasileiro em relação aos deslocamentos migratórios forçados de venezuelanos ao Brasil.

O final deste projeto nos abrigos foi marcado por uma exposição, com participação de toda a população que vive no abrigo, até mesmo os que não participaram ativamente do projeto, com um convite aberto à comunidade Brasileira, inclusive os moradores do bairro ao redor dos abrigos, coincidindo com o dia mundial do refugiado, em 2018.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar significativo dos venezuelanos ao perceber o produto final, a colcha, resultante das conversas sobre seu percurso de vida e trajetória, me deu a sensação de trabalho realizado. O projeto se mostrou de certa forma um processo de aprendizagem didático, lúdico e do conhecimento de si, em referência à frase

conhece-te a ti mesmo, aforismo presente na entrada do oráculo de delfos, na Grécia antiga. Minha inserção como indivíduo possuidor de uma cultura-outra em um ambiente com os venezuelanos participantes da pesquisa me faz refletir que o desenvolvimento desse projeto esteve sujeito a um entrosamento positivo de culturas interagindo entre si simultaneamente, criando um novo ambiente diverso e transcultural. Essa relação me lembra o processo educacional que os gregos desenvolviam no passado: a Paidéia. Naquela época, ao se perguntar o que é o homem (em minhas palavras: a busca pela definição de si), duas cidades gregas buscavam conceitos que o definisse. Para Esparta, o homem deveria ser o resultado de seu culto ao corpo. Para Atenas, virtudes e luta pela liberdade, ou seja, saber argumentar, falar bem, ser instruído em conhecimentos e defender seus direitos. Segundo Gadotti (2003, p. 30) esse processo “consistia na integração entre a cultura de uma sociedade e a criação individual de outra cultura numa influência recíproca”.



O êxodo do povo venezuelano narrado por eles trouxe um sentido de pertença e representatividade àquela história. Os ouvir se tornou um gratificante exercício humano de empatia. O processo de refúgio não implica somente aos que o faz, mas também aos que recebem as pessoas nessa situação. De uma forma simbólica, o projeto os ajudou a ressignificar suas vidas através da narrativa, das rodas de conversa, da produção das cartas e desenhos, visualizando novas possibilidades pela frente. Ainda no dia de apresentação da colcha, recebi em Roraima a visita do Presidente do Brasil em exercício naquele período, Michel Temer, que veio conhecer o projeto, bem como as ações da Operação Acolhida no estado de fronteira. A colcha hoje roda o mundo, sensibilizando nações a respeito dessa história de novos inícios, resiliência e esperança.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. **Protegendo Refugiados no Brasil e no Mundo**. Cartilha. Brasília: 2019. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/02/CARTILHA-ACNUR2019.pdf>> Acessado em: 08 de Setembro de 2019.
- ALEXANDROFF, M. C.. **Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita**. Construção Psicopedagógica (Impresso), v. vol.18, p. pp. 20-p. 41, 2010.
- BARBIER, R. **Escuta Sensível na Formação de Profissionais de Saúde**. Conferência na Escola Superior de Ciências da Saúde – FEPECS – SES-GDF. Brasília: 2002. Disponível em: < <http://www.barbier-rd.nom.fr/ESCUTASENSIVEL.PDF> > Acessado em: 13/09/2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BRANDÃO, Lenisa; SMITH, Vivian; SPERB, Tania Mara & PARENTE, Maria Alice de Mattos Pimenta. **Narrativas Intergeracionais**. Psicologia: Reflexão & Crítica, v. 19 n.1, p. 98-105, 2006. Disponível em: www.scielo.br/prc. Acesso em: 08 de Setembro de 2019.
- GABRIEL, Gilvete de Lima. **Crianças e Professoras de Três Etnias Indígenas da Amazônia. Que Sentidos Dão a Escola?**. In: GBRIEL, Gilvete de Lima, SILVA NETO, João Paulino, GOMES, Maria de Lourdes. (Org.). Formação de Professores Frente à Política Global. Pesquisas (Auto)Biográficas com Crianças. 1ed.Boa Vista: Editora da UFRR, 2016, v. 1, p. 125-140.
- _____. **Narrativa autobiográfica como prática de formação continuada e de atualização de si: os grupos-referência e o grupo reflexivo na mediação da constituição identitária docente**. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2011. v. 01. 164p .
- GADOTTI, M. História das Ideias Pedagógicas. 8 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, **fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional**. Mana, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 7-39, Apr. 1997. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100001>. Acessado em: 08 de Setembro de 2019.
- JUBILUT, L. L.. **O Direito Internacional dos Refugiados e sua aplicação no ordenamento Jurídico Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Editora Método, 2007. p 23.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status. Introdução do Prof. Phillip G. Schmitter**. Tradução de Meton Porto Gadelha. p.58-114. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. Disponível em <<https://adm.ufersa.edu.br/wp-content/uploads/sites/18/2014/10/Marshall-Cidadania-Classe-Social-e-Status1.pdf>>. Acesso em 08 de Setembro de 2019.
- MURTHY, VIVEK. **O Trabalho e a Epidemia de Solidão**. Revista Harvard Business Review, São Paulo, v. 96, nº 03, p. 29.
- OLIVEIRA, Leuda Evangelista de. SANTOS, Dalva Helena Ferreira dos. GURGEL, Cláilton Meireles Vieira & TARRAGÓ, Saiuri Totta. **A Colcha do Conhecimento: Um Processo de Construção Coletiva de Saberes**. Caderno de Resumos do II Ciclo de Palestras Sobre Educação: as políticas educacionais e a formação do docente no contexto atual / organizadores: George Brendom Pereira dos Santos, Lyjane Queiróz Lucena Chaves, Maria Leogete Joca da Costa. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019.

OLIVEIRA, Maria Terezinha Espinosa de. **Crianças Narradoras e suas vidas cotidianas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.

PASSEGGI, M. C. **Narrativas infantis: O que contam as crianças sobre as escolas da infância?** 2011.34 p. Projeto de Pesquisa – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal de Pernambuco, UNICID, Universidade Federal de São Paulo, UFF, Universidade Federal de Roraima, Natal, Recife, São Paulo, Guarulhos, Rio de Janeiro, Roraima, 2011.

_____. Projeto “**Narrativas infantis. O que contam as crianças sobre as escolas da infância?**”, aprovado pelo Edital de Ciências Humanas [MCTI/CNPq/MEC/CAPES 07I2011-2].

PASSEGGI, Maria da Conceição e ROCHA, Simone Maria. **A pesquisa educacional com crianças: um estudo a partir de suas narrativas sobre o acolhimento em ambiente hospitalar**. Revista Educação em Questão. Natal, v. 44, n. 30, p. 36-61, set./dez. 2012.

REINKE, A.D.. **Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019. v. 1. 352p.

SANTOS, E. C. **Um estudo sobre a brincadeira de crianças em situação de rua**. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

SILVA, TOMAZ TADEU. **Identidades Terminais. As transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

TURNER, VICTOR. **O Processo ritual: Estrutura e Anti-estrutura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SOBRE OS ORGANIZADORES

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO - Pós-doutor em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás -2014). Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES 2017). Mestrado Profissional em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela Escola Superior de Teologia - EST/UFRGS e Mestre em Ciências Educacionais pela UEP. A nível de graduação, possui formação multidisciplinar (licenciatura e bacharelado) cursados no período (1993-2011), sendo: Licenciatura Plena em Matemática (UEG), Licenciatura em Pedagogia (ICSH/UFG), Licenciatura em Filosofia (FBB/UNIT) e Bacharelado em Teologia (FATEBOV). Professor Titular C-I (Estatutário) da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior FIMES/UNIFIMES, lotado na Unidade Básica das Humanidades. Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás SEDUCE/GO. Professor Permanente no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Linha de Pesquisa: Novas de Subjetivação e Organização Comunitária. [Sem vínculo empregatício]. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu - Mestrado em Educação) da Faculdade de Inhumas – FACMAIS - Linha de Pesquisa: Educação, Instituições e Políticas Educacionais. Professor Coorientador nos Programas de Pós-Graduação em Ensino (PPGEns) e Ciências Exatas (PPGECE) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES); Editor adjunto da Revista Educação, Psicologia e Interfaces da UFMS. Atualmente pesquisa e escreve sobre os seguintes temas: ensino; formação de professores; currículo; processos educativos; violência escolar; e filosofia e seus eixos temáticos. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

ELISÂNGELA MAURA CATARINO - Pós-doutora em Educação Especial pela Escola Superior de Educação de Coimbra – ESEC/Pt. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Mestra em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS. Graduada em Letras pela UEG e em Filosofia pelo ICSH. Professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Goiás e Professora Titular da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (FIMES). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudo Pesquisa Multidisciplinar (NEPEM) Colíder do Grupo de Estudos... da UFMS. Atualmente estuda e pesquisa sobre a Educação Especial e Formação do Leitor. E-mail: maura@unifimes.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 9, 15, 17, 18, 91
Arquitetura 75, 77, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94
Arranjo 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 83

C

Ciências Cognitivas 62
Corpo 43, 51, 53, 54, 59, 64, 66, 89, 91, 93, 101, 119, 122, 127, 128, 129, 130, 158
Cultura 15, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 64, 80, 90, 92, 95, 96, 100, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 151, 152, 153, 155, 158, 159, 160

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 27, 28, 36, 62, 108, 112, 135, 148, 159, 160, 161
Epistemologia Evolucionária 38, 39, 40, 41, 42, 43, 48, 51
Estágio Curricular 19, 21
Estética 93, 114, 115, 117, 123
Experiência 4, 5, 6, 19, 20, 21, 25, 26, 64, 69, 79, 80, 81, 85, 93, 114, 124, 129, 148, 150, 152, 154, 155, 156

F

Formação Continuada 1, 2, 3, 5, 6, 7, 16, 148, 159
Formação Docente 1, 3, 6

I

Identidade 6, 55, 86, 89, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 110, 111, 112, 113, 154, 159
Idosos 14, 15, 30, 31, 33, 35, 36, 105, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 130, 132, 149

L

Linguagem 11, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 67, 68, 72, 73, 74, 86

M

Manifesto 2, 88, 90, 91, 92, 93, 94
Memória 5, 13, 63, 75, 78, 84, 85, 86, 95, 96, 97, 101, 103, 104, 105, 107, 112, 113
Migração 151, 152, 154
Moda 46, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94
Mulheres 28, 29, 30, 31, 106, 149

P

Políticas Educacionais 1, 3, 4, 7, 8, 159, 161

Precipitação 134, 136

Prototipação 118, 123, 124, 128, 131

R

Relato de Experiência 19, 148

Robótica Afetiva 120, 122, 131

T

Tecnologias 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 23, 42, 121

Tendência 31, 34, 61, 77, 143

Teoria Literária 54, 60

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-808-3



9 788572 478083